

RENATO T. L. CANTISTA

A LENDA DO REI WAMBA

VILARELHO DA RAIA

----- 1936 -----

NÃO peçam datas que não pretendo fazer história...
Nem sequer queria achar nestas linhas sabor medie-
val, gosto visigótico, que, para tanto, muitas horas deveria eu
passar em bibliotecas e arquivos...

A lenda que vou narrar já foi talvez contada...



Bein cedo na manhã, sinto uma atracção por Wamiba.

É um monte como tantos. Avança sobre a veiga, num dos
contornos do vale, e liga-se, a oeste, a outros que circundam
Cambedo, na freguesia de Vilarelho da Raia.

Ali, reina o silêncio, um silêncio de mistério e de ruínas.
Há moiras encantadas, duendes, fantasmas. Mas eu, em tantas
peregrinações que lá fiz, nunca encontrei seres vivos que não
fossem perdizes ou coelhos bravos... Até os caçadores respei-
tam aqueles lugares, e, em terreno coutado, as lebres chegam a
ser tão allivas, que, a mirar, desafiam o eremita que por lá anda
a falar com o passado ou a meditar, em silêncio, longe, muito
longe, do nervosismo da vida moderna.



Nasce o sol. Ao longe, a neblina cobre o Tâmega, desde o castelo de Monterrey que, em terras da Galiza, lança a sua sombra protectora sobre Verín, deitada a seus pés. Mas a pouco e pouco, por baixo dela, descobre-se um fio de prata que, de Verín à curva de Feces, e, depois, junto a Chaves, risca o verde contínuo e monótono dos batatais, no verão, e dos campos de centeio, no inverno. O vale estrangula em Vilarinho e, para o norte, alarga, torcendo levemente por detrás de Verín, até acabar nas faldas da fria Senábria.

De Wamba, avistam-se, 18 povoações portuguesas e espanholas, alegres com o sol, desde Verín a Chaves, e desde Nantes à Agrela. Umas estendem as suas casas no vale, rodeadas de hortas. Destas, a mais luzida é Verín a contrastar, na mocidade garrida das suas avenidas novas, com o pó dos anos do seu velho castelo em ruínas, o castelo de Monterrey que D. Diniz mandou edificar. Outras há pelas encostas, cercadas de arvoredo, abrigadas do norte por colinas verdes de pinheiros. Algumas, já nos montes.

Ao longe, enxerga-se a alvura de um campanário ou a cal de uma casa nova de americano.

Junto àqueles pinheiros mansos, consagrei os meus dotes venatórios, matando a minha primeira perdiz. Perdoe-me Axel de Munthe tanta crueldade... Se fosse abastado, o meu San Michele seria Wamba, o monte do mistério e da solidão. Para muitos, ele não diz nada. Para alguns velhos, anda ligada a Wamba uma lenda que eu vou narrar da forma como dela fui tomando posse, colhendo, aqui e além, elementos que a completam.

Estávamos em pleno domínio visigótico. Em León, morrera o rei. A Cúria, à qual incumbia a escolha do seu sucessor, elegeu Wamba, senhor das terras do Vale do Tâmega. De certo os seus feitos o tinham tornado admirado. Talvez em tempos ele tivesse combatido com galhardia e, em prémio, lhe tivessem oferecido a suzerania do vale.

Dois emissários cavalgaram longas jornadas para virem trazer-lhe a nova. Por terras de León e Galiza, foram pernoitando em castelos e estalagens. Por fim, desceram do planalto da Límia e cavalgaram pelo vale fora, já satisfeitos, por se verem chegados ao termo da sua viagem. Sabiam-se em terras pertencentes a Wamba, e, com pastores e lavradores, se iam informando do lugar onde esse senhor lhes ofereceria conforto para uns dias de descanso e ensejo para darem por terminada a sua missão. Um pastor disse-lhes que iam bem perto de umas terras onde Wamba lavrava algumas geiras de que colhesse cereal para encher os celeiros do seu castelo, pois que, em tempos de guerra, nele se havia de fechar com os seus servos e vilões, guardados dos ataques dos inimigos.

Eram assim os homens da época. Manejavam o arado e a espada, alternadamente, em tempo de paz ou de guerra.

Depressa dirigiram os Leoneses os seus corcéis para o local e, ali chegados, saudaram a Wamba como a seu rei. Muito admirado se mostrou este, que de nada sabia, e quiz explicar-lhes que não passava de um godo, nobre, mas afastado das coisas públicas, vivendo para as suas terras que trabalhava e defendia pelas próprias mãos, ajudado dos seus.

• Eles novamente o saudaram nos mesmos termos e lhe

deram conta da sua missão, entregando, por certo, pergaminhos que a Cúria lhes confiara. Não convencido ainda — talvez nem ler soubesse — quis Wamba um sinal irrefutável que lhe garantisse a verdade de tais palavras. Apesar de cristão, e como bom descendente de germanos, pegou na vara com que tangia os seus bois, que era de freixo sêco e sem casca e enterrou-a no solo, dizendo: «Crerei no que afirmais, se a vara florescer». Logo o milagre se operou. A vara encheu-se de flores como se fosse ramo verde de vicejante roseira de qualquer jardim do fresco vale de Tâmega.

Do facto, parece conservar-se ainda uma reminiscência no nome de uma aldeia galega a noroeste do vale. Chama-se ela «Rosales» ou «Rosal» nome que significa «roseira» e que muitas vezes a gente fronteiriça emprega como sinónimo de «flor».

Não pôde Wambar duvidar mais um instante da missão daqueles cavaleiros que, com ele, subiram até ao paço.

Ali, perante os vilões dos burgos e a criadagem do castelo, realizou-se uma cerimónia cheia de rude aparato. Wamba foi aclamado, por todos, como rei, e recebeu os primeiros actos de homenagem dos seus antigos vilões e homens de armas.

Cantaram-se «Te Deums» de acção de graças e realizaram-se grandes festas.



Dias depois, seguia a caminho de León. Com ele deviam ter-se retirado sua mulher e filhos. Destes não nos fala a lenda, mas sim de certa moira encantada. Seria esta, antes uma goda de cabelos de ouro?

Assim, e só assim, se explica que ainda por ali ande, por entre as ruínas, aquela beldade misteriosa que, em dias de sol,

tranços a brilhar, percorre, de fraga em fraga, o monte, e se esconde em subterrâneos repletos de tesoiros, mal avista ser humano.

Do rei, ficou o nome ligado às ruínas.

Dos Sarracenos, que, séculos depois vieram ocupar a região, teria ficado a lenda da moira. Eu, porém, prefiro sempre lembrar-me que a linda donzela, princesa daquelas paragens, é Facha, a goda loira, filha de Wamba, que no paço de León, morria de saudades pelo castelo onde nascera o seu primeiro amor. Prefiro convencer-me de que resolveu vir reabilitar as ruínas do seu antigo e formoso «Wamba». E, na noite de São João, vai lavar os cabelos de ouro na fonte de águas milagrosas que tem o seu nome e cura as doenças de pele e do aparelho digestivo.



...Mas aqui anda muito mistério. Nem os coelhos e perdizes, que ali vivem, guardados dos caçadores receosos, conhecem a «nuvem» que os envolve. E o eremita que, uma vez por outra, visita estes paradeiros, não consegue roubar àquelas pedras o segredo das entradas de espaçosos salões subterrâneos onde os tesoiros são tão abundantes que poderiam enriquecer o país. Tampouco se descortina, por entre as ruínas, a porta que conduz aos reais paços que habita a princesa encantada.

Vilarelho da Raia, 1936.